

DE DESCARTES A FORD: UMA EXPLICAÇÃO DA RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO

Rita Filomena Andrade Januário Bettini *

Quando preparei o texto que norteou a exposição sobre a racionalização do trabalho, apresentado aos alunos do 3º Ano de Geografia, tomei como ponto de partida a necessária objetivação do trabalho, presente no contexto histórico da Revolução Industrial inglesa, no advento da moderna indústria.

Na preparação do texto norteador, me parecia suficiente tomar esta contextualização, sustentada pela ideologia vigente, para explicar a necessidade posterior do taylorismo e percorrer o curso da história até o fordismo, tomado como organização mais eficaz, moderna e necessária aos interesses diretos do capital.

Do texto à fala, percebi que seria necessário caminhar no processo histórico na contramão ao encontro de Descartes e o significado do seu momento na história, haja visto que é no período carteziano que encontramos o núcleo gerador da nova forma de organização do trabalho - A Ciência Moderna. Captando este momento do processo de construção de uma metodologia que desvende o real de história, ou seja, que revele a história enquanto processo de construção dos homens para os homens, no sentido de satisfazer suas necessidades teóricas e práticas, verificadas pelo trabalho. Sinteticamente, estou dizendo que é

* Professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, campus de Presidente Prudente.

necessário "ler" a história construída, tomando como referência o homem na sua omnilateralidade (cf. GRAMSCI, Antonio - Concepção dialética da história). Isto posto, tenho como garantia que: a) o homem tem o direito e o dever histórico de pensar e agir - O trabalho manual e o trabalho intelectual não são formas de trabalho separadas. Estão separadas. b) A história não é dicotomizada em momentos ou períodos estanques, fazer a historiografia nesta ótica é própria do positivismo ou de leituras equivocadas, pretensamente apoiadas no marxismo.

A apresentação teórico-metodológica que aponte aqui, considero-a necessária, a fim de que o leitor tenha uma pequena garantia do princípio orientador das minhas interpretações históricas e filosóficas. Retornemos, portanto, a Descartes. É o momento no qual a burguesia, ainda revolucionária, posto que, embora já detendo o poder econômico, não tem ainda a hegemonia ideológica (que só virá mais tarde), necessita consolidar suas bases produtivas. A ciência é a mola mestra para a ordenação destas bases. É a nova ciência que referenda e dá suporte à nova ordem econômica. Não é portanto casual que a matemática e a física despontam como os parâmetros do que é científico. É uma ciência necessariamente produtiva e só o podia assim ser.

De posse das bases científicas, tem a burguesia garantidas as forças necessárias para se apropriar e expandir a produção, ou seja, produzir (como ciência) para acumulação (capital). Economicamente forte, cabe agora tornar-se politicamente hegemônica.

Reservo-me o direito de saltar alguns séculos e referir-me especificamente ao momento histórico de Emanuel Kant, porque de Descartes a Kant, a burguesia está se consolidando cada vez mais economicamente dada a divisão do trabalho já posta nas suas bases. Cabe agora se consolidar politicamente no poder, e a Revolução Francesa é marco fundamental. Não estou querendo referir-me ao "fato" em si, posto que, após alguns séculos de poder econômico burguês, seria de se esperar que os últimos vestígios da velha organização social ruissem. É chegado o momento de uma nova moral, uma nova jurisprudência, uma nova ética, em síntese, que uma nova ideologia seja posta. Kant, sem dúvida,

contribuiu substancialmente para tal (cf. KANT, Emanuel - Crítica da razão Pura).

Instaurada no poder econômico e político, com a velha organização feudal derrotada, tem agora, a burguesia, um novo opositor no horizonte: a classe trabalhadora. Põe-se a necessidade de mantê-la sob controle total. É neste contexto que se evidencia a importância do liberalismo como ideologia própria da burguesia, segundo a qual todos tem as mesmas oportunidades no mercado dentro do princípio da livre-concorrência, é o mercado o regulador de preços e cabe ao Estado fornecer as bases para o desenvolvimento gerado na livre-concorrência. Na realidade, vendo para além dos princípios liberais, o que se tem de fato é o incentivo ao individualismo por um lado e o conformismo social por outro. Estes dois pontos subjacentes à ideologia liberal foram postos por Kant.

Na medida em que as relações de produção avançam em direção à moderna indústria, o trabalho tende a se objetivar cada vez mais, fragmentando-se e especializando-se. A maquinaria que emerge no bôjo da Revolução Industrial, coloca a necessidade de criar dentro da fábrica uma gerência científica que marque de forma indelével a separação do trabalho intelectual e do trabalho manual, além de garantir uma maior objetivação do trabalho, que por sua vez extraia uma taxa de mais valia substancial, portanto que gere maiores capitais. É neste momento histórico que marcam presença, Smith, Ricardo e Comte. Não vejo necessidade de explicar as teorias destes separadamente. O que importa é perceber que tanto no nível da produção (Smith e Ricardo) quanto no nível das relações sociais (Comte), a contribuição e a base ideológica se identificam, se ajustam e são assumidas pela burguesia.

A maquinaria gera a simplificação do trabalho, as operações mentais não são mais necessárias aos operários. Impõe-se a nacionalização cada vez maior dos padrões de trabalho. É neste interior que se evidencia a importância do adestramento de Taylor. Seus princípios afirmam que o homem não deve pensar - cumpre ordens, trabalha quando lhe é ordenado, repousa quando lhe é ordenado. Seus movimentos corporais são cientificamente organizados e medidos, da mesma forma como os instrumentos de

trabalho e as máquinas. Para Taylor, o homem é um "gorila amestrado". Seu domador, a gerência científica, o controla dentro da fábrica, no seu tempo e movimentos.

Com a simplificação do trabalho e sua consequente racionalização, o trabalhador passa a ter um maior tempo livre, no qual pode pensar, ou pior ainda, se organizar. Evidente que a burguesia percebe o perigo que se avizinha. É necessário estender o controle existente no interior da fábrica, isto é, controlar não só o trabalho, mas o lazer também. Neste contexto a burguesia acena com as instituições totais - o restaurante da fábrica, o clube da fábrica, o time da fábrica, a creche da fábrica até o sindicato da fábrica.

A garantia com a qual a burguesia conta é manter o operário dentro da mesma disciplina rígida do taylorismo mais "humanizada". O operário passa a se identificar com a fábrica. Ele é a fábrica, do ponto de vista da ideologia hegemônica assumida pelos operários. Para a burguesia se reproduzir o operário, o trabalho para o capital. O princípio posto é do Fordismo. E quanto mais o operário "for" a fábrica, maior seu salário, que no horizonte se associa a mudanças nas condições sociais, costumes e hábitos individuais. Ora, o horizonte é virtual, é imagem, numa palavra, é ideológico.

Para finalizar, é necessário levar em conta que há exceções, que nem todos os operários de todas as fábricas enguliram esta "pastilha dourada". O movimento anarco-sindicalista, as manifestações operárias comunistas, e as greves demonstram no processo histórico a resistência e compreensão dos operários frente ao engodo do capital. E o caminho para a transformação é penoso, há muito ainda que aprender para lutar contra os dispositivos elaborados pelo e para o capital.